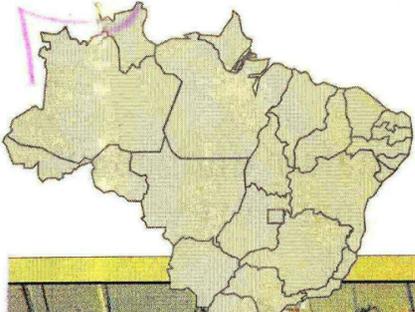


## O BRASIL TEM SOLUÇÃO?



ENTRE OS MAIS ATINGIDOS, O SETOR CALÇADISTA DEMITIU 13,2% DOS EMPREGADOS

Miro de Souza/AGRS

# PAROU DE CAIR

Alvo preferencial de críticas, o câmbio estabilizou em 2006 e estabelece o patamar para os exportadores brasileiros operarem

LUÍS OSVALDO GROSSMANN  
DA EQUIPE DO CORREIO

Está nas avaliações — ou reclamações — da maior parte do setor produtivo nacional: o maldito câmbio derruba a competitividade dos artigos nacionais, reduz a rentabilidade das exportações e é destaque entre os ingredientes do baixo crescimento.

Na linha de frente dos que consideram o câmbio um palavrão estão fábricas nacionais que perdem espaço no mercado internacional para concorrentes estrangeiros mais baratos, e até entre os consumidores brasileiros. São, especialmente, setores que empregam bastante mão-de-obra e sofrem mais o impacto dos competidores chineses que pagam baixos salários. E olha que o rendimento médio nacional não é de primeiro mundo.

“O câmbio estabilizou, mas grande parte da produção nacional já não se viabiliza para concorrer com o importado e desemprega. Diminuiu a produção de quem emprega muito e aumentou a de quem emprega pouco. Mas será que a idéia é trocar empregos nas indústrias por camelôs?”, pergunta o economista-chefe do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Edgard Pereira.

## SOBE E DESCE DO DÓLAR

A evolução do câmbio desde 2002 - valor de venda



Fontes: Cotações de Fechamento Pix/Banco Central do Brasil

Editoria de Arte/CB

Ele se refere às demissões crescentes lideradas por quem mais grita conta o câmbio valorizado. Os calçadistas, que pedem abertura de processo de antidumping contra a China, dispensaram 13,2% dos empregados este ano. Madeira (-8,4% dos postos), vestuário (-5,4%) e têxteis (-1,5%) compõem o quarteto mais abatido pela relação real versus dólar. Mas até mesmo exportadores se queixam de uma queda de 25% na rentabilidade nos últimos anos.

“Com o câmbio de hoje tem sido mais vantagem importar do que produzir, seja o insumo, seja o produto acabado”, explica o empresário brasileiro do vestuário, Marcio Franca, presidente do sindicato do setor no DF. “É legítimo não gostar. E o câmbio unifica discursos de todos os setores”, diz o diretor do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), Luiz Guilherme Schymura.

Pelo menos duas questões, porém, merecem atenção nesse debate sobre o câmbio. A primeira é que não se trata de um assunto apenas brasileiro, mas mundial. O dólar está enfraquecido por gigantescos déficits no orçamento e na balança comercial dos Estados Unidos, que, somados, chegam perto de US\$ 900 bilhões. Ainda que do alto de uma economia de US\$ 12 trilhões, os americanos devem um Brasil e meio. Este ano a moeda dos EUA perdeu 11% de seu valor frente ao euro e 13% contra a libra esterlina, para citar dois exemplos.

Na contramão, o real está mais forte. Os juros caem há mais de um ano, a percepção de risco é a mais baixa já alcançada e o país terá, novamente, saldo recorde de US\$ 45 bilhões em seu comércio internacional. Ainda que os exportadores reclamem também do câmbio, a verdade é que os preços compensaram as perdas na maioria dos casos.

### Nível se manterá

Um segundo ponto que merece atenção é que os sinais não permitem prever mudanças na relação com o dólar num futuro próximo. O nível atual, com flutuações entre R\$ 2,10 e R\$ 2,20, deve se manter, no mínimo, por mais um ano. Talvez até por isso, parte do setor produtivo — notadamente o empresariado paulista, com um terço da produção nacional —, clama por intervenções do governo para segurar o real. E também defende medidas compensatórias para setores mais atingidos.

“A maioria que está sofrendo são pequenas empresas sem acesso a financiamento. O ideal é agir nesse acesso ou com alguma medida tributária”, sugere o coordenador da unidade de política econômica da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Flávio Castelo Branco. Os remédios para o mal, no entanto, são de difícil aplicação. “O câmbio preocupa há dois anos, mas não é uma questão trivial de se agir”, reconhece Castelo Branco. O Banco Central poderia comprar ainda mais dólares do que tem feito, mas essa é uma opção cara. A ajuda localizada em setores também não é, necessariamente, a melhor saída.

“O Brasil é quase um exemplo de livro-texto de como a proteção a setores com problemas de competitividade tende a piorar, e não a melhorar, a sua eficiência”, diz o diretor do Ibre, Luiz Schymura. Além do mais, essa relação mais próxima entre real e dólar ajuda a segurar a inflação. “Uma das grandes razões da inflação ficar abaixo da meta (de 4,5% para 2006) foi o nível e a estabilidade do câmbio, e dificilmente o governo vai querer abrir mão disso”, lembra o economista da CNI.

Alternativas sem contra-indicação são sempre lembradas: reformas trabalhista e previdenciária e os investimentos em educação para melhorar a qualidade dos trabalhadores. Por outro lado, é o próprio crescimento econômico que melhor pode equilibrar a equação do câmbio. Com a economia em crescimento o país importa mais, reduz o saldo comercial e, gradualmente, diminui a hoje farta disponibilidade de dólares vindos do comércio internacional, ajudando a valorizar o dólar. Até lá, porém, muitas serão as esconjuras ao maldito câmbio desfavorável.